



## **GINÁSTICA E DISCUSSÕES DE GÊNERO: A GINÁSTICA RÍTMICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Roberta Cortez Gaio<sup>1</sup>  
Ana Paula dos Santos<sup>2</sup>

A atividade física, em especial a ginástica, está presente na humanidade desde a época da pré-história e vem sofrendo transformações desde então. Durante sua trajetória histórica sofreu influências de muitas correntes de pensamentos, se estruturou em métodos e mais precisamente a partir do século XX se desenvolveu a partir de diferentes tipos de movimentos, dando origem aos vários tipos de Ginástica, cada qual tendo seu valor em função dos objetivos a serem alcançados com sua prática.

Segundo Rinaldi (2004), as Ginásticas que hoje conhecemos são classificadas como: de competição, de demonstração, fisioterápicas, de conscientização corporal e condicionamento físico. Entre as Ginásticas de competição temos a Rítmica, a Artística feminina e masculina, a Acrobática, entre outras; entre as Ginásticas de demonstração podemos citar a Ginástica para todos, como representante dessa categoria; já as Ginásticas fisioterápicas são aquelas praticadas com objetivo de prevenção ou tratamento de lesões; as Ginásticas de conscientização corporal são inspiradas nas práticas orientais, tais como yoga, tai-chi-chuan e, as Ginásticas de condicionamento físico tem como objetivo a manutenção da condição física do indivíduo e nessa prática são incluídas as ginásticas de academias.

Segundo Gaio (2006), a Ginástica é caracterizada de duas formas: a Ginástica competitiva e a Ginástica não-competitiva. Dessa separação podemos vislumbrar a diversidade dos movimentos gímnicos caracterizados pelos esportes; além dos diversos movimentos advindos de atividades pedagógicas, terapêuticas, corretivas, de condicionamento, de apresentação, de lazer, entre outras práticas encontradas nas experiências das Ginásticas não competitivas.

Com o surgimento de tantas práticas na área da Ginástica é necessário um grande conhecimento para acompanhar tantas denominações e as diferenças existentes entre essas práticas. Por sua riqueza de conteúdos a ser trabalhada na escola, espera-se que os profissionais de Educação Física estejam preparados para ministrar todos esses conteúdos, pelo menos parte deles. E que os alunos e as alunas, tenham o privilégio de vivenciarem, durante sua formação na escola, as várias

---

1 Centro Universitário Moura Lacerda – Mestrado em Educação – Ribeirão Preto/SP. rcgaio@ig.com.br.

2 Especialização – Universidade Norte do Paraná – Londrina/SP.



possibilidades da cultura corporal de movimento, tão importante para o desenvolvimento integral do ser humano nos aspectos motor, cognitivo, afetivo e social.

A formação de um profissional da Educação Física, segundo Soares (1995), abrange várias áreas das ciências físicas, naturais, humanas e sociais, e é preciso um amplo conhecimento dessas áreas, para que essa formação não seja superficial. Essa não é uma tarefa fácil, principalmente para os que irão atuar na escola, pois é preciso, que o profissional seja um/a educador/a, um/a formador/a, um/a treinador/a, um/a instrutor/a, um/a sábio/a, para trabalhar com tantos conteúdos diferentes da Educação Física.

Além de precisar trabalhar com vários conteúdos da área o professor ou a professora de Educação Física precisa empenhar-se para lidar com as diferenças das crianças na escola. Gaio (2007) nos revela a existência de certo grau de complexidade no trato com as crianças que vem de um convívio familiar diferenciado, além das características físicas que diferem umas das outras e dos níveis distintos de aprendizado que cada uma alcança em seu desenvolvimento, durante o período em que permanece na escola e até mesmo fora dela.

No processo de formação, os estudantes e as estudantes da graduação do bacharelado ou da licenciatura precisam cursar várias disciplinas até alcançarem a competência que um profissional da área da Educação Física deve ter e, uma das disciplinas que precisa-se cursar é a Ginástica Rítmica. Segundo Gaio (2007), com a reformulação curricular de 1987, no Brasil, esse conteúdo passou a ser abordado para ambos os sexos nos cursos de graduação em Educação Física, o que denota um avanço no processo de entendimento e atendimento do ser humano e um grande progresso para a prática dessa modalidade.

A modalidade de Ginástica Rítmica, que é o foco do nosso estudo, é uma prática esportiva de caráter exclusivamente feminino, segundo as regras oficiais do esporte publicado pela Federação Internacional de Ginástica e isso, dificulta à prática dessa modalidade para o sexo masculino, pois para Gaio (2007), o preconceito restringe a participação dos meninos nas aulas. Ainda segundo a autora, a definição quando a existência de possíveis movimentos só para meninas e outros para meninos é uma construção social e cultural, que devem ser desconstruídos e resignificados. Como exemplo podemos citar o fato de alguns/algumas professores/as ainda trabalharem com a premissa de que meninos jogam bola e meninas fazem ginástica ou dança.

Essas e outras reflexões nos impulsionam a investigar a formação profissional em Educação Física, principalmente no que se refere ao discurso sobre gênero em sala de aula. Esse estudo surge a partir dos seguintes questionamentos: A disciplina de Ginástica Rítmica, na graduação em



Educação Física de uma Instituição de Ensino superior particular de Belo Horizonte – MG é desenvolvida a partir de uma discussão sobre gênero? O/A docente desenvolve essa disciplina sem reforçar estereótipos construídos pela sociedade? Os/as discentes conhecem um referencial teórico sobre gênero advindo das disciplinas de Ginásticas?

### *Conhecendo a ginástica rítmica*

O pensar sobre a aplicabilidade da Ginástica Rítmica (GR) interage com debates e discussões que envolvem a própria Educação Física (EF), no que se referem às propostas, finalidades e aplicabilidades.

A GR, como é mais conhecida essa modalidade esportiva, através de sua estrutura trifásica de elementos corporais, manejo de aparelhos e acompanhamento musical, privilegia o desenvolvimento global de alunos e alunas, já que todos os domínios do desenvolvimento humano são trabalhados.

Autores como Coletivo de Autores (1992), Ayoub (2004), Barbosa (2005), Gaio (2007), entre outros, acreditam que a partir de uma prática contínua da Ginástica, os alunos e as alunas podem ser beneficiados, já que a prática enriquece a formação da criança nos diversos aspectos.

Peuker (1973, p.15), uma das precursoras da Ginástica Rítmica no Brasil, ao abordar os benefícios da modalidade para as praticantes, diz que:

(...) visa desenvolver, interessar e educar o indivíduo integralmente, através de movimentos orgânicos (um sistema de movimentos, que, através de exercícios adequadamente escolhidos, dá ao indivíduo o prazer de “se movimentar” e o leva a uma concentração espontânea, não forçada, participação orgânica total do corpo mente e alma). Procura deste modo, levar a executante, em sua totalidade, a encontrar o equilíbrio e o ajustamento psicossomático (a perfeita integração das manifestações física, psíquica e espiritual).

E Pallarés (1979, p. 20), disseminadora dos primeiros passos do movimento ginástico que fundamentou a prática da GR defende que: “... a prática da ginástica rítmica enriquece a formação da criança nos aspectos físicos, emocional, intelectual e social, especialmente contribui para a formação da educação psicomotora”.

O Código de Pontuação (2009) determina os elementos corporais da GR, que são os saltos, os pivots, os equilíbrios e os elementos de flexibilidade e ondas e, eles devem ser executados com ou sem deslocamentos, trabalhados com variações da dinâmica, do uso do espaço e do ritmo musical. Esse mesmo documento ressalta ainda que os aparelhos oficiais da GR são determinados pela forma, tamanho e peso, que são a corda, o arco, a bola, as maçãs e a fita, tendo cada um destes aparelhos possibilidades manipulativas características e em associação com os movimentos corporais citados acima.



Peuker (1973, p. 9) alega que um dos resultados positivos da utilização de aparelhos é a motivação, já que eles evitam a monotonia, o desinteresse e o desânimo dos participantes em relação à prática só dos elementos corporais, pois:

Sabemos que os movimentos podem ser melhorados e aperfeiçoados somente através das repetições, mas sabemos, também, que a freqüente repetição de um mesmo exercício torna o ensino monótono. Aqui encontramos mais uma grande vantagem do aparelho, pois ele oferece uma larga possibilidade de repetir-se o mesmo tipo de movimento sem torná-lo monótono. Desperta cada vez mais o interesse do executante, e anima-o a aperfeiçoar a execução do exercício [...].

Não diferente do objetivo e finalidade do esporte, a utilização dos aparelhos busca também a educação integral do indivíduo, formando e harmonizando a sua personalidade, desenvolvendo assim, a persistência, a agilidade, a flexibilidade e através de movimentos de graça, beleza e leveza, auxiliando diferentemente na desinibição do praticante. Para Saur (sd, p. 27), é dessa forma, que: “... a aluna ficará tão absorvida desinibindo-se rapidamente, adquirindo a liberdade de movimento, executando-o com naturalidade, sem afetações o que talvez não teria conseguido se tivesse que executá-lo a mãos livres”.

Entretanto, não se podem reduzir as possibilidades manipulativas oferecidas por este esporte através dos aparelhos oficiais. Devem-se oportunizar as vivências utilizando-se, também, de materiais alternativos, principalmente se a escola não tiver condições para adquirir os aparelhos oficiais. Para Gaio (2007), a criação de novos aparelhos deve ser realizada pelas crianças, mas com o incentivo e a orientação do/da professor/professora, estimulando a exploração das várias possibilidades de movimentos, combinados com elementos corporais, tendo como uma próxima etapa à elaboração de composições e a utilização do acompanhamento musical.

O acompanhamento musical fecha o triângulo básico da GR, de sua estrutura trifásica e este deve ter uma relação muito próxima entre música e os movimentos corporais realizados juntamente com os aparelhos. Para tal, é de fundamental importância que os praticantes desta modalidade possuam vivências rítmicas que propiciem uma melhor expressão de movimentos através da música.

Rossete (1992, p. 33) acredita que: “O ritmo é uma qualidade coordenativa fundamentalmente necessária à sobrevivência do ser humano, porque ritmo é vida e como vida ele ocorre nas funções orgânicas desse ser, em suas circulação de seu sangue, nos seus passos, nas suas emoções e relações sociais”.

O acompanhamento musical é tão importante na montagem de uma série de GR, que técnicos/as e professores/as preocupam-se com o estilo da música para combinar com o/a ginasta. As relações diretas de música e elementos realizadas pelos/pelas alunos/as dão o espírito e a forma



de toda a coreografia. Para Róbeva e Rankélova (1991), a escolha da música é um processo complicado, pelas várias opções, fazendo com que técnicos/as dispensem uma atenção especial a este aspecto da composição.

Encerra-se, assim, o entendimento deste triângulo, que sustenta e baseia o trabalho da modalidade de GR, como descrito em Pallarés (1979, p. 14) que trata este esporte como: “... uma disciplina que oportuniza o desenvolvimento integral do praticante no entendimento de suas necessidades de educação física, espiritual, mental e social, na busca do equilíbrio total de suas capacidades de movimento no domínio do espaço, tempo, dinâmica e ritmo”.

A prática da GR, ao nível de desempenho, exige dedicação e muita responsabilidade por parte do/da praticante que deseja ser um/uma atleta, mas se o objetivo proposto for à prática de uma atividade física na busca do prazer e da ludicidade a execução e a técnica perfeita serão substituídas por atividades de jogos e brincadeiras ginásticas. Gaio (2007, p.153) defende esta ação acreditando que:

Sem “trair” a modalidade, porém somando uma prática esportiva mais próxima a nossa realidade de vida, a ginástica rítmica desportiva “popular” vem oferecer aos indivíduos possibilidades de vencerem seus próprios limites corporais, imbuídos de prazer, num ambiente de liberdade e criatividade... Ensinar a ginástica rítmica desportiva, considerando o educando como um fim em si mesmo, a medida em que as ações motoras conduzem ao que Freire (1992) chama de “aprender, praticar esporte brincando”.

Segundo a mesma Gaio temos na modalidade esportiva de Ginástica Rítmica a possibilidade de desenvolver seus conteúdos na prática escolar, com alunos e alunas a partir de 7 anos, nas aulas de Educação Física.

### *Discursando sobre gênero na Educação Física*

Segundo Gallardo (1998), a Educação Física escolar no Brasil teve seu início no final do século XIX, e nesse período o Brasil vinha passando algumas necessidades e uma delas era desenvolver indivíduos fortes, capazes de suportar o momento de transformação que o país enfrentava. Com isso, os higienistas, através das ciências biológicas, criaram as práticas corporais nas escolas, com o objetivo de fortalecer físico e moralmente os/as alunos/alunas.

Segundo esse mesmo autor, as aulas de Educação Física tinham propostas diferenciadas para meninos e meninas e por isso as aulas eram separadas, pois para os homens essas aulas tinham um sinônimo de corpos fortes, produtivos para um futuro militar e, para as mulheres, essas aulas tinham um objetivo de formar mulheres feminis, reprodutora de filhos e futura donas de casa.

A história mostra as diferenças marcantes entre gêneros nas aulas de Educação Física, mas ainda hoje encontramos essas diferenças incutidas em nossa sociedade e presente no âmbito escolar.



Cocate et al. (2008 ) baseado nos estudos de Altmann mostram que as situações de exclusões de meninas nas aulas de Educação Física, não é apenas por questões de gênero. O critério de exclusão não é exatamente o fato de serem mulheres, mas sim o fato de serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que os meninos .

Hoje as escolas desenvolvem em seus currículos uma proposta da co-educação, ou seja, o trabalho de igualdade e oportunidades entre os gêneros, mas na Educação Física ainda tem certa resistência a esse trabalho. Romero (2010, p.107) diz:

É fato que ainda em pleno século XXI, muitas escolas ainda separam os alunos por sexo em aulas de Educação Física. Contudo neste campo existem grandes avanços consolidados pelo trabalho com turmas mistas de escolas pioneiras e outras que seguiram a tendência social. Porém, deve-se estar consciente de que as questões referentes às relações sociais de gênero adentram a escola, e no mais das vezes não se permite um trabalho que vise superar as desigualdades, que integra e socialize os grupos – geralmente, o que ocorre é o reforço de estereótipos de papéis sexuais, em prejuízo de meninos e meninas.

Com essas diferenças presente no cotidiano das crianças desde as primeiras fases escolares, vamos criando certa identidade em nossa sociedade, aonde as discriminações e preconceitos em relação ao gênero vão trilhando alguns caminhos. Fazendo com que homens e mulheres ainda tenham dificuldades de lidar com as diferenças.

Na pesquisa de Gomes apud Cocate et al. (2008), mostra que o espaço escolar ainda tem um fator determinante para que ainda haja essas diferenças. Foram estudados pátios de escolas, e foi observado que meninos ocupam 10 vezes mais espaços que as meninas, principalmente espaços esportivos. No espaço escolar, o esporte é um meio em que meninos exercem mais domínios que as meninas. Onde as meninas para resistir a esses domínios, realizam brincadeiras ou jogos não esportivos.

Altmann e Sousa (1999) apontam que com a inclusão do esporte moderno como conteúdos da Educação Física escolar no Brasil, a partir da década de 30, as mulheres eram mantidas como perdedoras por serem consideradas frágeis. Aos homens já eram permitidos jogar futebol, praticar basquete e lutar judô, esportes que exigiam mais esforços. E as mulheres por serem consideradas frágeis só poderiam praticar vôlei e ginástica rítmica. Caso os homens chegassem a praticar essas modalidades que eram consideradas ao público feminino, sua masculinidade era questionada.

Podemos observar que esses fatores influenciaram e ainda influenciam muito a sociedade atual, mas estamos longe de chegar a um resultado favorável a ambos. Os profissionais de Educação Física, devem fazer sua parte, incluindo meninos e meninas nas aulas e assim amenizar essas diferenças de gênero, imposta pela sociedade. E como seria essa proposta frente à formação profissional?



## *ENCERRANDO A CONVERSA: REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA*

Após analisar os dados obtidos na pesquisa de campo realizada com os alunos e as alunas do Centro Universitário de Belo Horizonte – MG (UNI – BH), é difícil chegar a uma conclusão, pois é necessário muito mais que uma pesquisa para preencher as lacunas do ensino superior, principalmente em relação a disciplina de Ginástica Rítmica e as questões relacionadas a gênero.

Mas o que ficou evidente com esse estudo, é que ainda existe um vazio na formação do/da profissional de Educação Física e nota-se uma falta de afinidade entre a organização da teoria na graduação e a prática a ser aplicada, ou seja, o que é ministrado pelos/pelas docentes, em relação ao conteúdo das Ginásticas não é o que foi constatado nas respostas obtidas, no que se refere ao conhecimento das modalidades.

Esperava-se contudo, um maior entendimento, por parte dos/das discentes, no mínimo, sobre as modalidades de Ginásticas, as diferenças entre elas e, principalmente, as discussões relacionadas a gênero, pois os/as alunos/alunas, possuem uma grade curricular de forma sequencial, o que permite diferenciar, as técnicas, os benefícios a serem adquiridos com a prática e as metodologias de ensino dos diversos tipos de Ginástica para crianças e jovens.

Pudemos constatar, por meio das leituras de diversos autores, o quanto a prática das Ginásticas é favorável para o desenvolvimento, em diversos aspectos, não apenas para as crianças, mas para jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos, com ou sem limitações. Mas ainda falta material disponível, que aborde e discutam a questão das Ginásticas e as relações de gênero na prática pedagógica no âmbito escolar ou fora dele.

Outras questões surgiram a partir dessa pesquisa e podem servir de incentivo para os próximos estudos: Por que a prática das Ginásticas, de um modo geral, ainda é pouco difundida no meio acadêmico, entre os futuros professores e professoras, entre as crianças e os meios de comunicação existentes?

Então, fica a preocupação com os conhecimentos adquiridos na graduação e os conteúdos ministrados pelos/pelas docentes nas disciplinas que abordam as Ginásticas e, a preocupação maior, com as perspectivas que esses/essas futuros/as profissionais têm em relação a aplicabilidade das Ginásticas, principalmente a Ginástica Rítmica, foco desse estudo.

### *Referências*

ALTMANN, Helena; DE SOUSA, Eustáquia Salvadora. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999.



- AYOUB, Eliana. *Ginástica geral e educação física escolar*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- COCATE, Paula Guedes et al. A questão de gênero nas aulas de Educação Física. *Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança*, v.3, n.3, setembro, 2008.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992. 119p.
- GAIO, Roberta; BATISTA, José Carlos de Freitas. *A ginástica em questão: corpo e movimento*. São Paulo: Teccmedd, 2006. 161p.
- \_\_\_\_\_. *Ginástica Rítmica "Popular": uma proposta educacional*. 2ª edição, Jundiaí: Fontoura, 2007. 152p.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Ginástica Rítmica: da iniciação ao alto nível*. Jundiaí: Fontoura, 2008.
- GALLARDO, J.S.P; BÁSSOLI, A.A de O; ARAVENA, C.J.O. *Didática de Educação Física: a criança em movimento: jogo, prazer e transformação*. São Paulo: FTD, 1998.
- PALLARÉS, Z. *Ginástica Rítmica*. Porto Alegre: Redacta/Prodil, 1979.
- PEUKER, I. *Ginástica moderna sem aparelhos*. Rio de Janeiro: Fórum, 1973.
- RINALDI, I. P. B. *A ginástica como área de conhecimento na formação profissional em Educação Física: encaminhamentos para uma estruturação curricular*. Tese de doutorado em Pedagogia do Movimento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação Física, 2004.
- RÓBEVA, N. e RANKÉLOVA, M. *Escolas de campeãs: ginástica rítmica desportiva*. Tradução Geraldo de Moura. São Paulo: Ícone, 1991.
- ROMERO, E. As meninas babam o jogo e os meninos são mandões In KNIJNIK, J.D.; ZUZZI, R.P. *Meninas e meninos na Educação Física: gênero e corporeidade no século XXI*. Jundiaí: Fontoura, 2010
- ROSSETE, E. Ritmo e o movimento humano. In: *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, nº. 14, 1992.
- SAUR É. *Ginástica rítmica escolar*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.
- SOARES, C.L. Sobre a formação do profissional em Educação Física: algumas anotações. In: DE MARCO, A. (org.). *Pensando a Educação Motora*. Campinas: Papyrus, 1995.